

“Há mais de 40 livros e uma incrível quantidade de artigos e teses sobre *Orientalismo*, uma obra que inspirou várias reflexões sobre o olhar imperial na África, Ásia, Amazônia” - entrevista com Milton Hatoum

Milton Hatoum¹

Rita Chaves

Nazir Can

Leitor atento e rigoroso, o escritor, tradutor e professor Milton Hatoum mapeia o lugar de Edward Said entre os maiores pensadores do nosso tempo. O autor de *Relato de um certo oriente*, *Dois irmãos*, *Órfãos do Eldorado*, *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, entre outros títulos de relevo na nossa literatura, assinou o primeiro texto sobre Said no Brasil e foi responsável pela publicação de *Orientalismo* entre nós, em 1996. Muita coisa os aproxima. A urgência da questão palestina, o reconhecimento do exílio como um tema fulcral, o apreço pela literatura, o interesse pela reflexão e a convicção de que as bases do império ainda moldam as nossas estruturas de referência estão entre os tópicos que pautam a trajetória de ambos.

Nesta entrevista, o escritor manauara, além de nos falar do seu contato com a vasta obra de Said, discorre com vigor sobre as implicações do “consenso fabricado” a que se refere Noam Chomsky e apresenta-nos muitas referências do diálogo de Said com Aimé Césaire, Amílcar Cabral, Antonio Gramsci, Frantz Fanon, George Antonius, Tayeb Salih, intelectuais tão diversos como significativos para a leitura da complexidade do presente. Com ele, aprendemos ainda que o pensador palestino penetrou o mundo literário também como personagem em grandes romances, como *Bússola*, do francês Mathias Enard, e *Meu nome é Adam*, do libanês Elias Khoury. Em uma linguagem cadenciada, fazendo-nos recordar o que Davi Arrigucci reconheceu em sua prosa ficcional como um “ritmo de recorrências e remansos”, suas respostas nos ajudam a compreender por que a morte, tão precoce, do autor palestino, não interrompeu o curso da ressonância de um trabalho essencial para a leitura desse nosso tempo, tempo em que as alusões imperiais,

¹ Concedida por Milton Hatoum aos professores Rita Chaves e Nazir Can, organizadores do dossiê.

com uma inequívoca incidência nas relações culturais, permanecem definindo o campo político.

RC / NC: *É seu o primeiro ou um dos primeiros textos sobre Edward Said no Brasil. Você pode falar um pouco sobre como nasceu esse interesse? E acha possível identificar quem foi tocado primeiro: o professor ou o escritor que convivem em você?*

MH: Li *Orientalismo* no início de 1981, quando saí de Barcelona para morar em Paris. O livro de Said já era muito conhecido nos departamentos de Humanidades e Estudos Orientais de universidades nos Estados Unidos. Traduzido em trinta e seis línguas, foi decisivo para a criação de uma nova disciplina na área de ciências humanas: Estudos pós-coloniais.

Orientalismo me impressionou pela ampla abordagem crítica e pela erudição de um grande pensador da cultura. Esse livro é basicamente uma crítica à visão do Ocidente sobre o Oriente, sobretudo árabe e islâmico, no contexto do colonialismo e do imperialismo. A ideia central é que essa visão de autoridade e superioridade da cultura ocidental foi uma construção urdida ao longo do tempo, principalmente a partir da invasão do Egito por Napoleão. Para dominar culturalmente o outro (o não europeu), é preciso construir um discurso que, em nome da “civilização”, rebaixe e subjugue esse outro, dando-lhe um caráter ou modo de ser negativo.

Ao analisar o discurso do poder colonial, Said examina diferentes modalidades de linguagem: música, artes plásticas, literatura, jornalismo, ensaios, discursos políticos... Essa produção de imagens e de vários tipos de textos foi parte constitutiva da conquista do colonizador e imprimiu uma visão de superioridade étnica e cultural do Ocidente sobre os povos colonizados. Nesse sentido, Said elaborou uma complexa teoria de representação do outro. Nas áreas de ciências humanas e letras, *Orientalismo* foi um dos ensaios mais influentes da segunda metade do século passado e tornou-se um clássico da crítica cultural. Há mais de 40 livros e uma incrível quantidade de artigos e teses sobre *Orientalismo*, uma obra que inspirou várias reflexões sobre o olhar imperial na África, Ásia, Amazônia. De imediato, o livro gerou uma reação histórica, leviana e violenta de alguns jornalistas e intelectuais conservadores norte-americanos, mas recebeu inúmeros elogios e várias críticas ásperas, mas sérias, como a de Aijaz Ahmad em seu livro *In Theory: classes, nations, literatures*, publicado no Brasil como *Linhagens do presente*.

Em 1981, eu estava escrevendo, na França, meu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989. Não por acaso, uma das resenhas sobre

esse romance citou o livro de Said. E, de fato, *Orientalismo* foi importante para que eu refletisse sobre a imigração, não apenas árabe, e sobre minha história familiar, um certo Oriente em Manaus e na Amazônia. Depois, acompanhei a carreira intelectual de Said, mas não me considero um estudioso da obra dele, muito menos um "especialista", palavra que o autor palestino-americano não apreciava. Ele se dizia um "amador", em contraposição aos "experts", limitados a uma única disciplina ou área do conhecimento.

RC / NC: *Entre a publicação de Orientalismo e a de Cultura e Imperialismo, transcorreram 15 anos, mas nos parece que o intervalo corresponde a um movimento de expansão vertical. O que você acha?*

MH: Sim, nesse longo intervalo, ele escreveu muito sobre música, focando principalmente em composições que trabalham com variações e contrapontos, como as "Variações Goldberg", interpretadas por Glenn Gould, e outras composições canônicas de Bach. Said afirmou que essas técnicas (variações e contrapontos) o ajudaram a pensar na estrutura de *Cultura e Imperialismo*, que me parece um livro mais ambicioso que o anterior. Penso que o "movimento de expansão vertical" ocorre em vários aspectos. Em *Orientalismo*, como reconheceu o próprio autor, faltou analisar várias coisas: como eram as regiões colonizadas, consideradas, ao mesmo tempo, exóticas e bárbaras; qual o impacto do colonialismo na vida do colonizado; como foi o processo de formação do imperialismo, à luz de sua especificidade histórica; e como os intelectuais, artistas e escritores colonizados resistiram ao domínio imperial. Acho que essas análises foram feitas, uma vez que Said aprofunda o quadro histórico e dá voz ao colonizado. Isso aparece nos comentários de certas obras de literatura e de outras artes, esclarecendo o que elas ocultavam nas relações de poder com as metrópoles imperiais. Há análises notáveis sobre a obra de Conrad e de outros autores e autoras. Duas dessas análises causaram reações severas de uma parte da academia anglo-saxã: a do romance *Mansfield Park*, de Jane Austin, e da ópera *Aida*, de Verdi.

Said também ressalta que "muitos historiadores da cultura e estudiosos da literatura deixaram de observar uma "anotação geográfica importante: o mapeamento e levantamento teórico do território que se encontra por trás da ficção, da historiografia e do discurso filosófico do Ocidente no século 19". A ênfase de Said na geografia foi inspirada na leitura dos *Cadernos do cárcere*, de Antonio

Gramsci. Ele viu nesses *Cadernos* uma espécie de “mapa da modernidade, onde ocorrem lutas contínuas nos territórios”.

Nesse sentido, Said analisa a relação entre dois territórios: o espaço da metrópole imperial e o das colônias. Ele usa a expressão “hierarquia de espaços”, segundo a qual “o centro metropolitano e, aos poucos, a economia metropolitana são vistos na dependência de um sistema ultramarino de controle territorial, de exploração econômica e de uma visão sociocultural”.

São essas relações que geram a estabilidade e a prosperidade em casa. E “casa”, acentua Said, “é uma palavra com ressonâncias fortes”. No romance *Mansfield Park*, a casa é a propriedade rural na Inglaterra. Jane Austin faz várias referências a Antígua, uma das colônias britânicas nas Índias Ocidentais. Isso geralmente passa batido para o leitor, uma vez que Austin não revela de onde vêm o conforto e a riqueza de Mansfield Park; mas a propriedade do personagem rico Thomas Bertram no Caribe é certamente uma fazenda com trabalho escravo. “Esses fatos”, diz Said, “não são empoeirados pela história e, sim, como Jane Austin sem dúvida sabia, são realidades históricas evidentes”. Daí a necessidade de desentranhar, no texto, essa realidade e tentar entender por que a escritora se refere várias vezes a Antígua. Enfim, entender a importância ou o significado dessa ilha caribenha, que vem a ser a matriz da riqueza de sir Thomas Bertram e da vida abastada em Mansfield Park.

Segundo Said, a *anotação geográfica* – às vezes oculta ou não explícita nas obras literárias – tem um significado social, político, histórico. E isso ocorre em *Mansfield Park*, em que as referências a Antígua “sublimam as agonias dos escravizados nas *plantations* dessa possessão britânica no Caribe”.

Em contraponto, ele analisa obras de ensaístas, poetas e romancistas negros – da África e da Antilhas –, como Aimé Césaire, Frantz Fanon, Tayeb Salih, e do libanês George Antonius, entre outros. Também comenta heróis revolucionários, como Amílcar Cabral e Patrice Lumumba. Uma das figuras mais proeminentes, senão a mais influente em *Cultura e Imperialismo*, é Frantz Fanon.

Numa longa entrevista publicada no livro *Edward Said – a critical reader*, ele diz: “A transformação da consciência nacional em consciência social e política proposta por Fanon ainda não ocorreu, pois é um projeto inacabado, mas penso que meu trabalho começou aí”.

A leitura da obra de Fanon foi fundamental para que Said, a partir do início da década de 1990, abandonasse de vez a ideia da solução de dois Estados (Israel e Palestina). É verdade que o retalhamento da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental

por colônias sionistas já inviabilizava essa ideia. Hoje, com a extrema-direita no governo de Israel, isso é ainda mais evidente. Said percebeu isso há três décadas; desde então, escreveu dezenas de artigos criticando o Acordo de Oslo (1993), que foi, de fato, uma capitulação da antiga OLP, atual Autoridade Palestina. Na verdade, essa Autoridade é totalmente subjugada ao governo israelense. Ao perceber esse impasse, ele propôs um Estado binacional, secular, com direitos e oportunidades iguais para palestinos e israelenses. Ele repudiava com veemência atentados contra civis israelenses e nunca apostou numa solução militar. Pelo contrário, sempre insistiu numa "reconciliação", mas em bases justas, equânimes.

RC / NC: *A ideia do "consenso fabricado", de que nos fala Chomsky, é referida por Said ao contestar a produção de imagens ardilosas para esbater a importância da questão palestina. Cotidianamente, reconhecemos o peso da mídia nesse "consenso", mas ele vai mais longe e aponta a dimensão da produção intelectual americana, por exemplo, no processo de estereotipagem dos palestinos e da diluição de sua história. Qual a sua leitura dessa cumplicidade que, de algum modo, coloca em causa a crença na maior complexidade da nossa reflexão?*

MH: Imagens ardilosas, reportagens e artigos manipuladores e, o que é mais grave, o silêncio e a censura impostos aos palestinos e aos críticos do colonialismo sionista, incluindo intelectuais e ativistas progressistas judeus. Colonizar não significa apenas invadir, conquistar terras, explorar recursos naturais e humanos. Há uma poderosa máquina de propaganda que visa ao rebaixamento, aviltamento e desumanização do colonizado. Said e outros intelectuais, não apenas árabes e judeus, pesquisaram e escreveram sobre o projeto sionista da ocupação da Palestina. As fontes dessas pesquisas são basicamente arquivos militares, civis, e discursos de fundadores e líderes políticos e militares do estado de Israel. Os primeiros capítulos de *A questão da Palestina*, de E. Said, analisam como a ideia sionista, que surgiu nas últimas décadas do século 19, tornou-se um empreendimento colonial, ancorado por um sistema judiciário, político, econômico, pela força militar e pelo fanatismo religioso. Isso resultou num Estado segregacionista, uma "democracia" só para judeus. Qualquer ato da resistência palestina, até mesmo o lançamento de pedras por crianças e jovens, é considerado terrorismo. Vale lembrar que, até meados da década de 1970, Nelson Mandela era considerado terrorista pelo governo dos Estados Unidos. E quando alguém critica a política opressiva e racista do estado de Israel, é chamado de antisemita. No excelente ensaio *Antinomias do exílio*, Ella Shohat, professora da Universidade de

Nova York, ressalta que a “evocação constante do genocídio dos judeus na Europa resulta no silenciamento de qualquer crítica à política de agressão de Israel contra palestinos”. Nesse texto, Ella Shohat cita dois ensaios que o próprio Said escreveu sobre esse tema: *Zionism from the Standpoint of the victims* (Sionismo do ponto de vista das vítimas) e *Blaming the victims* (Culpando as vítimas).

Em 2009, o grande historiador inglês Eric Hobsbawn, também de origem judaica, fez uma declaração inequívoca: “Permitam-me dizê-lo sem rodeios: a crítica a Israel não implica em antissemitismo, mas as ações do governo de Israel causam vergonha aos judeus e, sobretudo, dão margem para o atual antissemitismo. Desde 1945, os judeus, dentro e fora de Israel, se beneficiaram enormemente da consciência pesada do mundo ocidental, que havia negado a imigração judaica na década de 1930, anos antes que se permitisse ou que não se opusesse ao genocídio”.

Há pouco tempo, organizações de direitos humanos respeitadas no mundo todo, como a israelense B’Tselem, Anistia Internacional e International Human Rights, fizeram relatórios minuciosos sobre a ocupação militar dos territórios e a vida infernal dos palestinos e concluíram que se trata de um Estado de *apartheid*. A IHW foi chamada de antissemita; a B’Tselem, de uma organização dirigida por judeus que odeiam judeus. Há livros notáveis de historiadores israelenses que analisam o surgimento do sionismo e a catástrofe palestina. Dois desses livros, de autoria do historiador e professor israelense Ilan Pappé, me parecem fundamentais: *Dez mitos de Israel*, da Editora Tabla, e *A limpeza étnica da Palestina*, da Editora Sundermann.

RC / NC: *No caso do império lusitano, inclusive em setores anti-salazaristas, não se condenava o colonialismo, como se questionar o império significasse atentar contra a pátria. Nem mesmo os escritores do neo-realismo, com sua costela crítica e sua sensibilidade social, lembraram de colocar em foco as terras africanas e suas realidades. É possível pensar em um paralelo com os escritores israelenses no que diz respeito à ocupação do território palestino? Podemos enxergar nas ambiguidades de sua posição traços do temor de enfrentar a monumentalização da experiência da dor de que a memória do holocausto é a pedra principal? Você localiza exceções nesse quadro? E que papel a literatura palestina tem desempenhado?*

MH: Em vários artigos e entrevistas Said falou da monstruosidade do nazismo, e discorreu sobre o antissemitismo na Europa e nos Estados Unidos. Depois de ver o longo documentário sobre a Shoah (o filme de Elie Wiesel), ele disse:

"Pude sentir e entender o horror enorme, e fiquei devastado porque entendi o significado do que foi o Holocausto perpetrado pela Europa ou pelo Ocidente contra os judeus". Em seguida, ressaltou que essa colossal tragédia histórica e o sofrimento dos judeus não podem justificar a expulsão dos palestinos de suas terras e casas, a matança, o confinamento em campos de refugiados, o tratamento de palestinos como cidadãos de terceira classe etc. Ele nunca fez comparações entre o nazismo e a ocupação da Palestina, mas disse uma frase que ficou famosa: "Nós, palestinos, somos vítimas das vítimas".

Nos romances de escritores israelenses que li, há uma simetria de perdas e sofrimento, mas as relações de força e poder entre colonizador e colonizado nunca são simétricas. Ao contrário, a enorme assimetria entre essas forças é devastadora para os povos colonizados. Vários cineastas e jornalistas israelenses têm um olhar muito mais crítico do que os escritores. Lembro de uma declaração assinada por uma dezena de cineastas, criticando com veemência o bombardeio à Gaza, entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009, quando morreram mais de mil e trezentos palestinos, a maioria civil, incluindo crianças e mulheres.

Dentre as obras que li da literatura palestina, a de Mahmud Darwish me parece a mais sofisticada. Ele se tornou o poeta nacional da Palestina e um dos maiores poetas árabes contemporâneos. De algum modo, as obras dele dialogam com as de Said. Darwish escreve sobre o exílio e a vida dos banidos da Palestina. A poesia e a prosa poética dele, sem nunca serem panfletárias ou rasas, são ancoradas na tradição literária do Ocidente e na poesia árabe, incluindo a pré-islâmica. O leitor de língua portuguesa pode ler *Onze astros*, *Memória para o esquecimento* e *Da presença da ausência*, três livros fundamentais de Darwish, todos com excelentes traduções da Editora Tabla. Essa mesma editora vai publicar outros livros dele e um volume com as novelas de Ghassan Kanafani. Recentemente, a editora Todavia publicou o belo romance de Adania Shibli, uma jovem e promissora escritora palestina.

Quando li *Cultura e Imperialismo*, me dei conta de que não conhecia alguns clássicos das literaturas africana e árabe contemporâneas, como *Tempo de migrar para o Norte*, do sudanês Tayeb Salih, e a vasta obra romanesca do libanês Elias Khoury. Desde jovem, Khoury se interessa pela diáspora palestina no Líbano e sempre foi um ativista de direitos humanos. Romances como *Porta do sol* (ed. Record) e *Meu nome é Adam* (ed. Tabla) abordam de modo complexo e com uma linguagem inovadora a vida dos palestinos, antes, durante e depois de 1948, o ano da Nakba ("catástrofe", em árabe). Nesses livros, a memória histórica está

entrelaçada à memória das personagens, com suas ambiguidades e hesitações. *Meu nome é Adam* talvez seja o primeiro romance a abordar a vida num gueto palestino. Khoury examina em profundidade o que ainda não tinha sido narrado sobre os acontecimentos de julho de 1948, como se os próprios palestinos desconhecêssem os meandros e detalhes de sua própria história, dilacerada pela brutalidade do colonialismo.

RC / NC: *Com uma boa dose de desassombro, Lina Meruane, em seu impactante Tornar-se Palestina, alerta-nos para as limitações da posição de intelectuais de prestígio, como Amós Oz, relativamente à questão palestina. Ou seja, mesmo em escritores de posturas liberais, é pouco provável a recusa de uma constrangedora dose de silêncio diante da catástrofe imposta aos palestinos em sua casa? Haveria pontos de contato entre a indisponibilidade desses escritores e a "limitação quase trágica da (sua) pessoa" que Said via em Conrad? Ou a distância temporal dilui tal hipótese?*

MH: Esse livro honesto e comovente de Lina Meruane lança mão de várias coisas importantes. Ela mistura com destreza um ensaio histórico com um relato pessoal, familiar, memorialista. À medida em que ela lê e comenta dezenas de livros e artigos, tece uma notável reflexão sobre o processo histórico e político no Oriente Médio. Penso que ela fez uma das melhores críticas a essas limitações de certos escritores israelenses que se dizem liberais, ou até mesmo de esquerda. Amós Oz sempre criticou os assentamentos dos colonos e a ocupação militar dos territórios palestinos, mas não revelou que essas críticas dizem respeito à realização do projeto colonial sionista na Palestina. Há outras ações militares, mais terríveis e ferozes, omitidas por Amós Oz: demolição de casas, prisões "administrativas" (sem acusação formal) de homens, de mulheres e até de crianças, banimentos, assassinatos de civis sem qualquer vínculo com a resistência. Essas crueldades ocorrem todos os dias na Cisjordânia e em Jerusalém oriental, onde os assentamentos se multiplicam. Os colonos andam armados e são protegidos pelo exército.

Quanto à "limitação quase trágica de Conrad", penso que, em parte, foi uma estratégia de sobrevivência. Seria difícil para um polonês com cidadania britânica criticar o imperialismo de sua nova pátria. Em *Coração das trevas*, o genocídio de africanos foi executado por súditos e mercenários do rei da Bélgica. Uma obra de ficção depende de *como* e de *quando* é lida. *Coração das trevas* foi publicado em 1899, quando Paris e Londres eram as metrópoles do império. Na crítica a essa

novela, Said ressaltava a importância do público que lê a história narrada por Marlow. Vale a pena citar esse trecho de *Cultura e imperialismo*: "Os ouvintes de Marlow são ingleses, e o próprio Marlow entra no domínio privado de Kurtz como um espírito ocidental curioso tentando entender uma revelação apocalíptica. Várias leituras chamam a atenção, e corretamente, para o ceticismo de Conrad a respeito do empreendimento colonial, mas raramente se observa que, ao relatar a história de sua viagem pela África, Marlow reproduz e corrobora a ação de Kurtz: devolver a África à hegemonia europeia historicizando e narrando seu caráter estrangeiro".

Mais de um século depois, quais seriam os pontos de contato entre a indisponibilidade de escritores israelenses e a "limitação quase trágica" de Conrad? Nem sempre a distância temporal abre os olhos, a alma e a consciência de certos leitores e escritores, até mesmo dos que se dizem liberais, humanistas e pacifistas. São bem estranhos esses liberais pacifistas, que ignoram a humilhação e o sofrimento diários dos palestinos na Cisjordânia, em Jerusalém oriental e na faixa de Gaza, que sobrevivem penosamente, num isolamento total.

Amós Oz e outros escritores – assim como todos os governantes israelenses – recusam-se a admitir o retorno dos palestinos que foram expulsos de suas terras e casas. Faço essa observação porque não é preciso ser um comunista – como foi José Saramago – para criticar a brutalidade da ocupação militar israelense e defender os direitos dos palestinos, embora eu discorde do escritor português, quando este fez comparações com o nazismo. Os jornalistas Amira Hass e Gideon Levy, entre outros profissionais da imprensa israelense, não são comunistas. Tampouco são comunistas – longe disso – os escritores Juan Goytisolo, Annie Ernaux, Toni Morrison, J. M. Coetzee, Cornel West e tantos outros. A palavra escrita, a voz e a consciência compassivas e honestas não selecionam injustiças.

RC / NC: *Ainda a propósito de Conrad, Said afirma que depois dele "um grande número de escritores africanos [...] de fato, reescreveram O coração das trevas. É nesse contexto, em que nos recordamos do "direito a narrar" ressaltado por Said, que se pode compreender, por exemplo, a leitura impaciente e impiedosa que dele fez Chinua Achebe?*

MH: Sim, vários romances contemporâneos são "conradianos". Um dos mais conhecidos é *Uma curva no rio*, do anglo-indiano V. S. Naipaul. Aliás, um livro muito criticado, e com razão, por muitos leitores e escritores africanos. Um caso interessante ocorreu com *O estrangeiro*, de Camus. Edward Said criticou o

apagamento do nome e da história do árabe assassinado por Meursault. Em outro romance (*Meursault, contre-enquête*), o argelino Kamel Daoud dá nome, sobrenome e uma história ao jovem assassinado: o “árabe” anônimo do livro de Camus. É uma releitura inventiva, que contextualiza uma tragédia – um assassinato – na Argélia sob jugo francês. Há várias referências a *O estrangeiro*, incluindo personagens e a dimensão filosófica, o ser refratário às pessoas e ao mundo, mas no contexto de um país colonizado.

Chinua Achebe fez uma leitura, nem diria impiedosa, e sim devastadora de *Coração das trevas*. O grande autor nigeriano, além de enfatizar a visão racista de Conrad, comentou que essa novela não ajudava nada na compreensão da África, e que nem deveria ser lida pelos africanos. Vários críticos, entre eles o britânico Ian Watts, discordaram de Achebe. No livro *Essays on Conrad*, Watts admite que em algumas passagens de *Coração das trevas* os africanos do Congo são retratados, física e moralmente, com palavras estereotipadas e preconceituosas. Mas ressalta que, em 1899, a palavra “racismo” ainda não existia e atribui a crítica exagerada do escritor nigeriano ao interesse de uma causa maior: a posição ideológica dos europeus em geral, que, segundo Achebe, veem a África como “um campo de batalha metafísica, sem qualquer humanidade reconhecível”.

Mas, para um leitor ou escritor negro da segunda metade do século passado, isso exclui ou atenua a crítica ao racismo? O que dirá, hoje, um leitor ou uma leitora indígena dos ensaios de *À margem da história*, de Euclides da Cunha (contemporâneo de Conrad), ao se deparar com expressões preconceituosas sobre os indígenas? Para Euclides, era necessário “civilizar” os “bárbaros” e ocupar aquela “terra inculta”, desértica, ou seja, a Amazônia. O discurso focado no território vazio, ou escassamente habitado por gente “inculta”, é uma das falsificações do colonialismo. Esse discurso foi usado no passado e é reativado no presente. Said nota que, num texto do livro *Últimos ensaios* (*Last essays*), Conrad “enaltece a exploração inglesa no Ártico, e conclui com um exemplo de sua própria ‘geografia militante, colocando o dedo num ponto bem perto do coração então vazio da África, que algum dia eu iria até lá”. Conrad citou o Ártico, mas poderia ter mencionado a Patagônia ou a Amazônia. Não é outro um velho mas sempre reiterado mito, até hoje propagado pelos colonizadores sionistas sobre a ocupação da Palestina: “Um povo sem terra para uma terra sem povo”. Uma terra sem povo? Antes da fundação do estado de Israel (1948), 70% da população era palestina. Quase todas as cidades, vilarejos e aldeias tinham nomes árabes. Havia comércio, indústria, agricultura,

ferrovias, aeroporto, vida cultural e uma convivência pacífica entre judeus e palestinos, cristãos e muçulmanos.

RC / NC: *Além de Said, teóricos como Mary Louise Pratt e críticos como Bernard Mouralis ou Francisco Noa, observando distintos contextos geográficos e históricos, sublinham a miopia como uma questão central do império. Esse olhar que aterrissa, define equivocadamente e confisca o "outro" segue seu curso na atualidade?*

MH: O horror ou a aversão ao "outro" talvez seja a maior tara do ser humano. Mas há também uma política de estado no sentido de desumanizar e rebaixar o "outro", fechar as fronteiras para os diferentes, geralmente imigrantes e refugiados de guerra. Se esses refugiados forem brancos, como os ucranianos, são recebidos pela Polônia, Hungria, Alemanha... Mas se forem refugiados do Oriente Médio ou da África serão rechaçados. Vários países europeus estão devolvendo peças de arte e objetos sagrados roubados ou saqueados de ex-colônias, mas proíbem pessoas pobres dessas mesmas ex-colônias de entrar na Europa. Quando precisarem de mão de obra barata, abrirão um pouco as fronteiras, como ocorreu depois da Segunda Guerra. Há ainda um discurso racista, preconceituoso e nem sempre velado do governo de um país em relação ao "outro", mesmo quando este faz parte da sociedade nacional. Isso ocorreu nos quatro anos do governo Bolsonaro em relação aos indígenas. Havia uma política de extermínio, cuja prova mais cabal é a tragédia do povo Yanomami. Nessa catástrofe humanitária não houve ambiguidade: foi uma política deliberadamente criminosa, colocada em prática por ministros e funcionários do governo.

RC / NC: *A fragmentação das lutas em nosso presente, de que as pautas identitárias são uma expressão, em sua opinião, favorece ou dificulta a emergência de discursos orientalistas?*

MH: Penso que a fragmentação de lutas e reivindicações enfraquece os movimentos sociais. Será que as pautas identitárias devem excluir questões sobre desigualdade e exploração? São formas de resistência que não se excluem umas às outras. O ativismo político e intelectual de Said foi nessa direção, uma vez que ele aderiu aos movimentos feminista e afro-americano emancipatórios e escreveu ensaios sobre esses temas. O filósofo, professor e ativista afro-americano Cornel West percebeu isso quando leu *Orientalismo* e *Cultura e imperialismo*. Angela Davis, outra figura de proa do movimento afro-americano, escreveu um ensaio sobre as

semelhanças entre os sistemas carcerários nos Estados Unidos e em Israel, em que os prisioneiros são submetidos a um extremo grau de humilhação e crueldade.

RC / NC: *O imaginário orientalista sempre teve grande impacto em contextos fundados pela desigualdade, o que explica sua sobrevivência. Que estratégias você sugere para o professor de literatura lidar com esse problema? E, como escritor, de que recursos se vale para evitar as armadilhas?*

MH: A estratégia é sugerir aos estudantes a leitura de bons livros de ficção e poesia e, depois, de ensaios de qualidade sobre essas obras. Claro que há leituras críticas divergentes, mas é fundamental que não falsifiquem nem distorçam o processo histórico. Alguns desses romances e livros de poesia foram citados nessa conversa. Ao contrário de Achebe, penso que se deve ler *Coração das trevas*, *Lord Jim*, *Vitória*, *O negro do Narciso* e outros romances de Conrad. Quem gosta de literatura certamente vai apreciar a obra de um dos grandes escritores de língua inglesa. Mas quem ler os ensaios de Said, de Achebe, de Ian Watt ou de Antonio Candido sobre a obra de Conrad perceberá certas questões e relações que estavam mais ou menos veladas. Não se deve banir os clássicos, mas, sim, tentar entendê-los no contexto histórico em que foram escritos. Quando Said comenta romances de Conrad, Jane Austin, Kipling, Flaubert, Nerval e de tantos outros, ele fala também do deleite diante do texto, “uma espécie de prazer particular” que conduz o leitor ou a leitora à reflexão. Para o leitor crítico, esse prazer tem a ver com a linguagem, com o modo de narrar, com a estrutura narrativa e com a complexidade das relações humanas, que é a verdade possível da literatura.

Não sinto, nunca senti qualquer aversão à teoria ou à crítica literária. Pelo contrário, devo uma parte substancial de minha formação de leitor a grandes professores de literatura e a ensaios sobre obras literárias. Na década de 1970, quando estudava na FAU, assistia aos cursos de literatura de Davi Arrigucci Jr., Leyla Perrone-Moisés, Irlemar Chiampi... Não por acaso, dediquei um romance ao Davi e ao saudoso Benedito Nunes, outro grande crítico e amigo. Eles e Leyla foram muito generosos quando leram meu primeiro romance, cujo belíssimo texto da orelha foi assinado pelo Davi. No final daquela década, quando já era arquiteto, intuí que meu projeto de vida seria outro. Então, comecei a ler também livros de crítica literária. Um bom ensaio sobre uma obra ficcional tem o dom de iluminá-la por vários ângulos: social, linguístico, simbólico, psicológico, histórico. O empenho crítico não resolve todos os enigmas de uma obra complexa, mas esclarece coisas essenciais e evita armadilhas, incluindo as ideológicas.

Na era da globalização e da estética pós-moderna, escreve-se sobre qualquer lugar, muitas vezes sem a compreensão e a experiência desse lugar. Lembro-me de uma conversa com Alfredo Bosi, em que ele se referiu ao pós-moderno de feição conservadora, um anti-humanismo reacionário que se finge de anárquico, refuta toda a tradição da modernidade clássica e cultiva a religião do consumo, essa pletora de imagens-mercadorias que a cultura para as massas produz em escala global. Hoje em dia, as imagens e os tuítes prevalecem sobre ideias e conceitos. Diante da aceitação indiscriminada de qualquer texto, fazem muita falta as percepções críticas e os critérios de escolha. Daí a necessidade de um chão histórico e, principalmente, de uma consciência histórica.

RC / NC: *Percebe-se em sua obra uma preocupação com a origem. Mas, ao mesmo tempo, parece-nos que em seus textos a origem configura-se menos como essência do que como o resultado de trocas de longa duração. Poderíamos, por isso, inferir que a tradução o mobiliza mais do que a tradição?*

MH: No livro ainda não traduzido *Inícios: intenção e método* (*Beginnings: Intention and Method*), Said diz que a mente, às vezes, precisa situar um ponto de origem, precisa saber como as coisas começam no sentido mais elementar: o nascimento. Para um cientista, historiador ou estudioso da cultura, a memória e a retrospectiva levam a inícios importantes. Said dá como exemplo o começo da industrialização, a medicina científica, o período do romantismo e assim por diante. É o que ele chama de "cronologia da descoberta". Nesse sentido, concordo com vocês e com Said: a origem não é uma essência, há sempre algo anterior a ela. A busca da origem é uma viagem vertiginosa, uma *mise en abîme*. Acho que eu ficaria pirado se procurasse saber quem foi a tataravó do meu avô paterno, um homem que não conheci. Você não pode escolher as origens, mas pode situar e escolher algum início. Então, fui atrás do *início* da minha história: um imigrante libanês que, em 1904, saiu do bairro mais pobre de Beirute e viajou para o Acre. Essa viagem longuíssima e tumultuada foi uma espécie de "travessia do mar conturbado da vida", como escreveu Joyce. A memória dessa viagem, narrada, talvez inventada pelo meu pai, me interessou. No fundo, o que mais alimenta e move os escritores é a memória. Ou, como disse Conrad: "a memória de uma experiência", o passado nebuloso, meio perdido no tempo e que só pode ser recuperado pela imaginação. Isso vai ao encontro do conceito de experiência, de Walter Benjamin: "os dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória". Nesse

sentido, a memória é irmã siamesa da imaginação. O desafio é transformá-las ou traduzi-las em linguagem romanesca.

RC/ NC: *Há quem defenda que Orientalismo é, ainda que indiretamente, um livro sobre tradução. Como lida o tradutor Milton Hatoum com a produção de um autor como Said, que, em diversos livros, combinando rigor filológico e olhar de conjunto, nos remete aos meandros dessa mesma prática?*

MH: Traduzir é também interpretar. O estilo de Said não é fácil, tem uma coisa meio enviesada, uma respiração de fôlego longo, que cerca o assunto por todos os lados, até o limite, que é o limite da própria crítica. Ele constrói frases sinuosas, que convidam à releitura. Lembro que a primeira tradução de *Orientalismo* tinha vários problemas. Penso que a nova tradução (da edição de bolso da Companhia das Letras) é muito boa. Isso aconteceu com a tradução em outras línguas. Ao traduzir, você percebe de fato as nuances do estilo, a construção da frase. Você fica atento ao ritmo, à sonoridade, à carnalidade da palavra. Em qualquer livro de Said, a massa de referências bibliográficas é enorme. Quando organizei o livro *Reflexões sobre o exílio*, deu pena suprimir alguns ensaios. Por ser um volume enorme, a editora pediu que eu fizesse uma seleção. O ensaio “Reflexões sobre o exílio”, que dá título ao livro, é um dos mais belos de Said. Quando traduzi *Representações do Intelectual*, já tinha lido várias obras dele. *Representações* foi uma série de conferências transmitidas pela BBC, as famosas Reith Lectures. Said manteve basicamente o texto que foi lido na BBC. Tentei captar essa voz e dar fluidez ao que foi escrito para ser lido. Ainda em relação à tradução, penso que ocorreu uma coisa curiosa com Said. A língua materna dele é o árabe, mas quando a família teve que se mudar de Jerusalém para o Cairo, ele estudou num colégio britânico. Depois ele foi estudar na universidade de Princeton (Estados Unidos). Desde então, passou a escrever em inglês. Acho que uma parte do fascínio de Said pela obra de Conrad é esse bilinguismo, ou essa hesitação entre duas línguas. Há nisso um estranhamento, algo como não se sentir completamente em casa, “mas deslocado ou em hesitação na fronteira”, para usar as palavras de George Steiner, em *Linguagem e Silêncio*.

RC / NC: *Para Eqbal Ahmad, “Edward Said é uma daquelas raras pessoas cuja vida é palco para a coincidência entre os ideais e a realidade, representando o encontro entre o princípio abstrato e o comportamento individual”. Lina Meruane a ele se refere como “talvez a voz mais resplandecente, mais ressoante e respeitada de*

diáspora palestina". Essa excepcionalidade, ressaltada por tantos, pode ser associada à conexão muito viva entre a compreensão da questão palestina e a experiência do exílio vivida na raiz das coisas? Ou você, leitor privilegiado e tradutor de Said, destacaria outros aspectos?

MH: Sim, a voz mais resplandecente da diáspora palestina, e também uma das mais influentes no meio acadêmico do mundo todo. Isso é raro, mesmo para os grandes intelectuais franceses, os "maîtres à penser" da segunda metade do século passado. Há duas coisas que considero relevantes. A primeira é o fato de Said ter sido bilíngue. Ele falava fluentemente inglês, a língua do império, e árabe, a língua do colonizado. Era também fluente em francês. Quando deu uma conferência no Collège de France, decidiu falar em francês. Aprendeu alemão e latim quando estudou em Princeton e Harvard. Os livros de Said são também lidos em universidades de países árabes, e de maioria islâmica, não árabes. Também deu várias conferências e publicou artigos nesses países. Então, ele falava e escrevia para um público vasto e diversificado. Mas há também o lado performático do intelectual e do professor. Refiro-me à gestualidade, ao poder da fala, a uma certa teatralidade para magnetizar o público. As conferências e intervenções dele sobre literatura e política atraíam uma audiência enorme: estudantes, professores, leitores. Penso também no pianista e estudioso de música Edward Said, grande admirador de Glenn Gould. Vários ensaios do livro póstumo *Estilo tardio* discorrem sobre obras literárias e musicais, clássicas e contemporâneas. Desde o título que reúne esses ensaios, a referência a Adorno é recorrente; alguns textos, inacabados, são, de algum modo, uma obra tardia, a última antes da morte do autor. A meu ver, um desses ensaios, sobre Glenn Gould, é um dos mais fascinantes de Said, pois, além de comentar com consistência as técnicas e a virtuosidade do pianista canadense, traça um retrato vibrante de sua performance como intérprete de Bach.

O livro *Elaborações musicais (Musical elaborations, 1990)* resultou das Conferências Wellek (Irvine, California), em que Said, após teorizar sobre uma composição clássica, interpretava-a. *Paralelos e paradoxos – Reflexões sobre música e sociedade* é um livro belíssimo, que reúne uma série de conversas com um grande amigo de Said, o maestro, pianista e ensaísta argentino-israelense Daniel Barenboim. São diálogos de dois intelectuais eruditos, comprometidos com a formação da cidadania, refratários a jargões acadêmicos, a um tipo raso de jornalismo e aos impasses políticos ou culturais. Nesses diálogos, ambos são avessos também ao desespero. Eles fundaram a orquestra Divã Oriental-Occidental, um nome inspirado na grande obra poética de Goethe, leitor do Alcorão e de poesia

persa e árabe. A orquestra reúne jovens músicos árabes e israelenses. Essa iniciativa se revelou como o gesto mais profundo em direção à paz, à reconciliação, à mútua compreensão de dois povos que têm em sua história e cultura, desde os tempos dos reinos da Andaluzia, muitos traços comuns. Essas coisas devem ser compartilhadas, e não separadas.

Então na vida e na obra de Said havia esse entusiasmo, essa vibração pela música e, ao mesmo tempo, o empenho em atrair, seduzir um público. Isso tem a ver com a oralidade, com o gesto corporal, às vezes dramatizado. A gente vê isso em muitas entrevistas e nos documentários e filmes de que ele participou. No fim, ele se tornou personagem de excelentes romances. Por exemplo: em *Bússola*, um romance de Mathias Énard premiado com o Goncourt, Said aparece como um lobo ou fantasma numa reunião de orientalistas acampados no deserto sírio, perto de Aleppo. É um romance muito erudito, com inúmeras referências a orientalistas (homens e mulheres), a obras literárias e musicais, à influência da música oriental no Ocidente. Said também aparece no romance *Meu nome é Adam*, do escritor libanês Elias Khoury, já citado. É o primeiro volume da trilogia *As crianças do gueto*. Nesse livro, também caudaloso e erudito, não são poucas as citações a Edward Said e à obra dele. E há, por fim, o poeta e romancista E. Said. Na juventude, começou dois romances, escreveu poesia. Li apenas um poema, que está no livro de Timothy Brennan *Places of mind: a life of Edward Said*. Essa biografia – ainda sem tradução para o português – percorre a trajetória da vida e da obra de Said, com ênfase no pensamento do autor palestino-americano, com as contradições, ambiguidades, impasses, êxitos e derrotas da vida de um intelectual. Ele, que tanto entendia de música, foi dissonante na academia norte-americana. Talvez a presença e o desempenho de um grande intelectual palestino tenham sido um contraponto num ambiente acadêmico com raríssimos professores árabes, sobretudo na década de 1960, quando ele começou a lecionar literatura de língua inglesa e literatura comparada na universidade Columbia. No fim de uma vida não tão longa – morreu aos 67 anos –, ele decidiu dar um concerto em sua universidade. Ele já estava muito doente quando viajou a Faro, no Algarve, para uma conferência. Foi sua última intervenção pública, e também a última vez que entrou no mar. Talvez seja uma ironia ter feito a viagem final ao Algarve, topônimo de origem árabe (*al gharb*), que significa: o ocidente.

Consulte todas as referências bibliográficas de Said supracitadas na página: edwardsaid.unifesp.br/biblioteca